

'Spread' do Brasil deve cair para 1,25% em outubro

BRASÍLIA — O Chefe da Assessoria Econômica do Ministério do Planejamento, Akihiro Ikeda, negou ontem que o Brasil esteja pagando um spread (taxa de risco) de quatro por cento acima da Libor (taxa interbancária no mercado do eurodólar) nos empréstimos obtidos junto aos bancos credores, conforme denúncia de um banqueiro do Chase Manhattan Bank, um dos 13 bancos que assessoram o programa da dívida externa brasileira.

Segundo Ikeda, os empréstimos do Brasil são feitos com spreads em torno de dois por cento acima da Libor. Ele revelou que o Governo espera, na próxima fase da renegociação da dívida externa, a partir da segunda quinzena de outubro, em Paris, que a taxa baixe para 1,25 por cento.

Ikeda disse desconhecer que os empréstimos feitos pelos bancos

americanos à América Latina sejam contabilizados em Nassau, nas Bahamas, para evitar taxas e impostos dos Estados Unidos, conforme denunciou o banqueiro do Chase Manhattan.

Afirmou também que não faz sentido a informação de que, se os países da América Latina deixassem de pagar hoje os seus empréstimos, os bancos credores não teriam prejuízos, porque só o que foi pago de juros acima do mercado garantiu o lucro destes bancos.

Akihiro Ikeda explicou ainda que há uma contradição nas afirmações do banqueiro, quando diz que nos empréstimos feitos pelo Brasil é cobrado um spread muito acima da mesma taxa paga por empresas. Segundo ele, são as empresas que tomam os empréstimos e não o governo brasileiro.

